

# ANÁLISE ETNOBOTÂNICA DO BABAÇU NO MUNICÍPIO DE TAPIRAMUTÁ, BA

Maria Luiza Paiva Caetano<sup>1</sup>, Fabiana Zanelato Bertolde<sup>2</sup>, Vânia Lima Souza<sup>2</sup>

1. Discente do curso técnico em Meio Ambiente IFBA campus Eunápolis, BA. Bolsista PIBIC-EM. e-mail: [luzacaetano@gmail.com](mailto:luzacaetano@gmail.com)\*

2. Docentes IFBA campus Eunápolis, BA.

Palavras Chave: *Attalea* sp., conservação, palmeira

## Introdução

O estudo da interação de comunidades humanas com o mundo vegetal, a etnobotânica, permite a manutenção da cultura e combinação de conhecimentos tradicionais e modernos, para uma melhor investigação da flora, bem como sua conservação e sustentabilidade (Jorge e Moraes, 2003). O babaçu é encontrado na Amazônia e na Mata Atlântica, sendo a palmeira mais rica do ponto de vista econômico, pois é aproveitada desde a raiz até as folhas (Pavlak, et al. 2007). A Bahia não é considerada um grande produtor de babaçu no país, entretanto, em alguns municípios do estado ocorrem áreas com babaçuais. No município de Tapiramutá existe uma extensa área com babaçuais jovens e adultos, sendo que a maior concentração ocorre em fazendas com fragmentos de mata nativa preservados. Em anos recentes, a população, deste município, tem considerado o babaçu como uma praga, que cresce em meio às plantações de café e às pastagens, sendo muitas vezes eliminado destes locais. O município de Tapiramutá foi escolhido para o estudo devido à abrangência da área de ocorrência dos babaçuais, que tem sido dizimado pela população. Dessa forma, este estudo visa resgatar a história da palmeira babaçu em Tapiramutá, disponibilizando dados que promovam estratégias de conservação e uso sustentável da espécie.

## Resultados e Discussão

O estudo foi realizado no município de Tapiramutá, BA. Para o levantamento dos usos da espécie de babaçu que ocorre no município foram entrevistadas 11 pessoas em junho de 2015, com idade entre 21 e 89 anos, que concordaram em participar da pesquisa. Foram utilizados dois tipos de formulários, um para a coleta de dados socioeconômicos e outro para coleta de dados etnobotânicos, totalizando 20 questões. Os formulários foram previamente elaborados, contendo perguntas abertas e fechadas. As entrevistas foram realizadas de forma oral e individual às pessoas em seus próprios domicílios, sendo preferencialmente com o responsável pelo grupo familiar. Para o registro das falas foi usado um sistema de anotação simultânea da comunicação e gravações. Todos os entrevistados assinaram um termo de autorização para divulgação da pesquisa, de acordo com a medida provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001, dando-lhes o direito de ter acesso aos resultados. As informações relacionadas ao perfil socioeconômico dos entrevistados revelaram que a maioria mora em casa própria coberta com telhas de barro e com energia elétrica, apresenta baixo grau de analfabetismo, e moram a mais de 10 anos no município. Observou-se que até duas pessoas em cada domicílio contribuem para a renda familiar, com renda mensal de 1 a 4 salários mínimos, sendo funcionário público municipal ou aposentado. Dentre os entrevistados, dois informantes são filhos dos primeiros colonizadores, residindo no local desde a sua fundação, o que contribuiu para delinear a trajetória de usos do babaçu no município. A espécie de babaçu que ocorre em

Tapiramutá pertence ao gênero *Attalea* sp., sendo conhecida pela população como babaçu (60%), coco palmeira (30%) e coco de babaçu (10%). Todos os informantes relataram que a palmeira ocorre no município desde a ocupação da localidade. Segundo relatos dos entrevistados, as primeiras casas construídas no povoado eram cobertas com as folhas da palmeira babaçu e, muitas vezes toda a planta era utilizada para construir a casa, sendo o primeiro nome do povoado Palha, em referência à palmeira. As características da vegetação e do clima, do município de Tapiramutá, podem estar diretamente relacionadas à ocorrência dos babaçuais nas áreas de mata e de vertentes (vales), profundamente beneficiadas pelas características altitudinais do município. Atualmente, a população não faz uso do babaçu, sendo poucos indivíduos encontrados em área de pastagens e em algumas fazendas onde a mata nativa foi preservada. Pelo fato de Tapiramutá localizar-se em região serrana, os desníveis no relevo (declividade) fez com que muitos indivíduos de babaçu mantivessem-se nas vertentes. Dessa forma, dada à dificuldade de extração e ocupação nestas áreas é provável encontrar populações intactas da espécie. Constatou-se que a população fez uso do babaçu a mais de 10 anos, sendo as amêndoas a parte da planta que foi mais utilizada (34,8%), principalmente para a produção de óleo (23,5%) e consumo direto na alimentação (5,9%). As folhas (21,8%) eram utilizadas para a cobertura de casas e, atualmente, são usadas no artesanato na época de São João para enfeitar barracas. A forma de processamento mais citada para partes da planta foi a moagem da amêndoa (42,9%), seguida da prensagem (14,2%) e sem processamento (42,9%). O fato de alguns informantes citarem que a planta não era processada é explicado pelos relatos de que as mulheres do município comercializavam os frutos do babaçu, sem beneficiamento, em feiras livre.

## Conclusões

Com este trabalho foi possível constatar que a palmeira babaçu, que ocorre em Tapiramutá, tem grande importância histórica e seu uso já foi economicamente viável no município. Os dados desta pesquisa poderão contribuir para resgatar a história desta planta no município e para que estratégias de conservação sejam adotadas, visando o uso sustentável da espécie.

## Agradecimentos

Ao IFBA pelo apoio financeiro e pela bolsa de Iniciação Científica.

JORGE, S. S. A.; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. In: COELHO, M. F. B.; COSTA JUNIOR, P.; DOMBROSKI, J. L. D. (Org.) **Diversos olhares em Etnobotânica, Etnoecologia e Plantas Medicinais**. Cuiabá: UNICEN, p.89-98, 2003.

PAVLAK, M.C. de M., et al. Aproveitamento da farinha do mesocarpo do babaçu (*Orbignya martiana*) para obtenção de etanol. **Evidência, Ciência e Biotecnologia-Interdisciplinar**, v. 7, n. 1, p. 7-24, 2007.